

# **Mensagem**

Fernando Pessoa

Fonte:

<http://www.cfh.ufsc.br/~magno/mensagem.htm>

*Benedictus Dominus Deus noster qui dedit nobis  
signum*

## **Nota Preliminar**

O entendimento dos símbolos e dos rituais (simbólicos) exige do intérprete que possua cinco qualidades ou condições, sem as quais os símbolos serão para ele mortos, e ele um morto para eles.

A primeira é a simpatia; não direi a primeira em tempo, mas a primeira conforme vou citando, e cito por graus de simplicidade. Tem o intérprete que sentir simpatia pelo símbolo que se propõe interpretar.

A segunda é a intuição. A simpatia pode auxiliá-la, se ela já existe, porém não criá-la. Por intuição se entende aquela espécie de entendimento com que se sente o que está além do símbolo, sem que se veja.

A terceira é a inteligência. A inteligência analisa, decompõe, reconstrói noutro nível o símbolo; tem,

porém, que fazê-lo depois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia no exame dos símbolos, é o de relacionar no alto o que está de acordo com a relação que está embaixo. Não poderá fazer isto se a simpatia não tiver lembrado essa relação, se a intuição a não tiver estabelecido. Então a inteligência, de discursiva que naturalmente é, se tornará analógica, e o símbolo poderá ser interpretado.

A quarta é a compreensão, entendendo por esta palavra o conhecimento de outras matérias, que permitam que o símbolo seja iluminado por várias luzes, relacionado com vários outros símbolos, pois que, no fundo, é tudo o mesmo. Não direi erudição, como poderia ter dito, pois a erudição é uma soma; nem direi cultura, pois a cultura é uma síntese; e a compreensão é uma vida. Assim certos símbolos não podem ser bem entendidos se não houver antes, ou no mesmo tempo, o entendimento de símbolos diferentes.

A quinta é a menos definível. Direi talvez, falando a uns, que é a graça, falando a outros, que é a mão do Superior Incógnito, falando a terceiros, que é o Conhecimento e a Conversação do Santo Anjo da Guarda, entendendo cada uma destas coisas, que são a mesma da maneira como as entendem aqueles que delas usam, falando ou escrevendo.

## PRIMEIRA PARTE:

### **BRASÃO** *Bellum*

*sine bello.*

## I. OS CAMPOS

### PRIMEIRO / O DOS CASTELOS

A Europa jaz, posta  
nos cotovelos: De  
Oriente a Ocidente  
jaz, fitando, E  
toldam-lhe  
românticos cabelos  
Olhos gregos,  
lembrando.

O cotovelo  
esquerdo é  
recuado; O direito  
é em ângulo  
disposto.

Aquele diz Itália  
onde é pousado;  
Este diz Inglaterra  
onde, afastado,

A mão sustenta, em que  
se apoia o rosto. Fita,  
com olhar sphyngico e

fatal, O Ocidente, futuro  
do passado.

O rosto com que

fita é Portugal.

SEGUNDO / O

DAS QUINAS

Os Deuses vendem  
quando dão.

Comprase a glória  
com desgraça. Ai  
dos felizes, porque  
são

Só o que passa!

Baste a quem baste  
o que lhe basta O  
bastante de lhe  
bastar!

A vida é breve, a alma é vasta:  
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza  
Que Deus ao Cristo definiu:

Assim o opôs à Natureza  
E Filho o ungiu.

## II. OS CASTELOS

### PRIMEIRO / ULISSES

O mytho é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mytho brilhante e mudo —  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.

Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,  
E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.

### SEGUNDO / VIRIATO

Se a alma que sente  
e faz conhece Só  
porque lembra o que  
esqueceu, Vivemos,

raça, porque  
houvesse Memória  
em nós do instinto  
teu.

Nação porque reencarnaste,  
Povo porque ressuscitou  
Ou tu, ou o de que  
eras a haste —  
Assim se Portugal  
formou.

Teu ser é como aquela fria  
Luz que precede a  
madrugada, E é já  
o ir a haver o dia  
Na antemanhã, confuso nada.

### TERCEIRO / O CONDE D. HENRIOUE

Todo começo é involuntário.  
Deus é o agente.  
O herói a si assiste, vários  
E inconsciente.

À espada em tuas  
mãos achada Teu  
olhar desce.  
«Que farei eu com  
esta espada?»  
Ergueste-a, e

fez-se.

#### QUARTO / D. TAREJA

As nações todas  
são mystérios.

Cada uma é todo o  
mundo a sós. Ó  
mãe de reis e avó  
de impérios, Vela  
por nós!

Teu seio augusto amamentou  
Com bruta e natural certeza  
O que, imprevisto, Deus fadou.  
Por ele reza!

Dê tua prece outro destino  
A quem fadou o instinto teu!  
O homem que foi o teu menino  
Envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante  
Onde estás e não há o dia.  
No antigo seio, vigilante,  
De novo o cria!

#### QUINTO / D. AFONSO HENRIQUES

Pai, foste cavaleiro.  
Hoje a vigília é nossa.  
Dá-nos o exemplo inteiro

E a tua inteira força!

Dá, contra a hora  
em que, errada,  
Novos infiéis  
vençam,  
A bênção como espada,  
A espada como bênção!

## SEXTO / D. DINIS

Na noite escreve um seu  
Cantar de Amigo O  
plantador de naus a  
haver,  
E ouve um silêncio  
múrmuro consigo: É o  
rumor dos pinhais que,  
como um trigo De  
Império, ondulam sem  
se poder ver.

Arroio, esse cantar,  
jovem e puro,  
Busca o oceano por  
achar;  
E a fala dos pinhais,  
marulho obscuro, É o  
som presente desse  
mar futuro, É a voz da  
terra ansiando pelo



mar.

## SÉTIMO (I) / D. JOÃO O PRIMEIRO

O homem e a hora são um só  
Quando Deus faz e a  
história é feita. O  
mais é carne, cujo pó  
A terra espreita.

Mestre, sem o  
saber, do Templo  
Que Portugal foi  
feito ser,  
Que houveste a glória e deste o exemplo  
De o defender.

Teu nome, eleito em sua fama,  
É, na ara da nossa alma interna,  
A que repele, eterna chama,  
A sombra eterna.

## SÉTIMO (II) / D. FILIPA DE LENCASTRE

Que enigma havia em teu seio  
Que só gênios concebia?  
Que arcanjo teus sonhos veio  
Velar, maternos, um dia?

Volve a nós teu rosto sério,  
Princesa do Santo Graal,  
Humano ventre do Império,

Madrinha de Portugal!

### III. AS QUINAS

#### PRIMEIRA / D. DUARTE, REI DE PORTUGAL

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo.  
A regra de ser Rei almou meu ser,  
Em dia e letra escrupuloso e fundo.

Firme em minha tristeza, tal vivi.  
Cumpri contra o Destino o meu dever.  
Inutilmente? Não, porque o cumpri.

#### SEGUNDA / D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL

Deu-me Deus o seu  
gládio, porque eu faça A  
sua santa guerra.  
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,  
Às horas em que um frio vento passa  
Por sobre a fria terra.

Pôs-me as mãos sobre os  
ombros e doirou-me A  
fronte com o olhar;  
E esta febre de Além, que me consome,  
E este querer grandeza são seu nome  
Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gládio erguido dá  
Em minha face calma.

Cheio de Deus, não temo o que virá,  
Pois venha o que vier, nunca será  
Maior do que a minha alma.  
TERCEIRA / D. PEDRO, REGENTE DE  
PORTUGAL

Claro em pensar, e claro no sentir,  
É claro no querer;  
Indiferente ao que há em conseguir  
Que seja só obter;  
Dúplice dono, sem me dividir,  
De dever e de ser —

Não me podia a Sorte dar guarida  
Por não ser eu dos seus.  
Assim vivi, assim morri, a vida,  
Calmo sob mudos céus,  
Fiel à palavra dada e à idéia tida.  
Tudo o mais é com Deus!

QUARTA / D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL

Não fui alguém. Minha  
alma estava estreita  
Entre tão grandes almas  
minhas pares,  
Inutilmente eleita,  
Virgemmente parada;

Porque é do português, pai  
de amplos mares, Querer,

poder só isto:

O inteiro mar, ou a orla vã desfeita —

O todo, ou o seu nada.

## QUINTA / D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL

Louco, sim, louco,

porque quis grandeza

Qual a Sorte a não dá.

Não coube em mim minha certeza;

Por isso onde o areal está

Ficou meu ser que houve, não o que há.

Minha loucura, outros que me a tomem

Com o que nela ia.

Sem a loucura que é o homem

Mais que a besta sadia,

Cadáver adiado que procria?

## IV. A COROA

### NUN'ÁLVARES PEREIRA

Que auréola te cerca?

É a espada que, volteando.

Faz que o ar alto perca

Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida,

Faz esse halo no céu?

É Excalibur, a ungida,

Que o Rei Artur te deu.

'Sperança consumada,  
S. Portugal em ser,  
Ergue a luz da tua espada  
Para a estrada se ver!

## V. O TIMBRE

### A CABEÇA DO GRIFO / O INFANTE D. HENRIOUE

Em seu trono entre o brilho das esferas,  
Com seu manto de noite e solidão,  
Tem aos pés o mar novo e  
as mortas eras — O único  
imperador que tem,  
deveras,  
O globo mundo em sua mão.

### UMA ASA DO GRIFO / D. JOÃO O SEGUNDO

Braços cruzados, fita além do mar.  
Parece em promontório uma alta serra —  
O limite da terra a dominar  
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitário  
Enche de estar presente o mar e o céu  
E parece temer o mundo vário  
Que ele abra os braços e lhe rasgue o véu.

### A OUTRA ASA DO GRIFO / AFONSO DE

## ALBUQUEROUE

De pé, sobre os países conquistados  
Desce os olhos cansados  
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.  
Não pensa em vida ou morte  
Tão poderoso que não quer o quanto  
Pode, que o querer tanto  
Calcara mais do que o submisso mundo  
Sob o seu passo fundo.  
Três impérios do chão lhe a Sorte apanha.  
Criou-os como quem desdenha.

### **SEGUNDA PARTE: MAR**

#### **PORTUGUEZ** *Possessio*

*maris.*

#### I. O INFANTE

Deus quer, o homem  
sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra  
fosse toda uma, Que o  
mar unisse, já não  
separasse. Sagrou-te, e  
foste desvendando a  
espuma,

E a orla branca foi de  
ilha em continente,

Clareou, correndo, até  
ao fim do mundo, E  
viu-se a terra inteira, de  
repente,  
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou  
criou-te portuguez..  
Do mar e nós em ti  
nos deu sinal.  
Cumpru-se o Mar, e o  
Império se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se  
Portugal!

## II. HORIZONTE

O mar anterior a nós, teus medos  
Tinham coral e praias e arvoredos.  
Desvendadas a noite e a cerração,  
As tormentas  
passadas e o  
mistério, Abria em flor  
o Longe, e o Sul  
sidério 'Splendia  
sobre as naus da  
iniciação.

Linha severa da longínqua costa —  
Quando a nau se aproxima  
ergue-se a encosta Em

árvores onde o Longe nada  
tinha; Mais perto, abre-se a  
terra em sons e cores: E,  
no desembarcar, há aves,  
flores,  
Onde era só, de longe a abstrata linha

O sonho é ver as formas invisíveis  
Da distância imprecisa,  
e, com sensíveis  
Movimentos da  
esp'rança e da vontade,  
Buscar na linha fria do  
horizonte  
A árvore, a praia, a flor,  
a ave, a fonte — Os  
beijos merecidos da  
Verdade.

### III. PADRÃO

O esforço é grande e o  
homem é pequeno. Eu,  
Diogo Cão, navegador,  
deixei  
Este padrão ao pé do areal moreno  
E para diante naveguei.  
A alma é divina e a obra é  
imperfeita. Este padrão  
sinala ao vento e aos  
céus Que, da obra



ousada, é minha a parte  
feita: O por-fazer é só  
com Deus.

E ao imenso e possível oceano  
Ensinam estas Quinas,  
que aqui vês, Que o mar  
com fim será grego ou  
romano: O mar sem fim  
é português.

E a Cruz ao alto diz que o  
que me há na alma E faz a  
febre em mim de navegar  
Só encontrará de Deus  
na eterna calma O  
porto sempre por achar.

#### IV. O MOSTRENGO

mostrengo que está no fim do mar  
Na noite de breu  
ergueu-se a voar; A  
roda da nau voou  
três vezes,  
Voou três vezes a chiar,  
E disse: «Quem é que  
ousou entrar Nas  
minhas cavernas que  
não desvendo, Meus  
tetos negros do fim do

mundo?» E o homem do  
leme disse, tremendo:  
«El-Rei D. João  
Segundo!»

«De quem são as  
velas onde me roço?  
De quem as quilhas  
que vejo e ouço?»  
Disse o mostrengo, e  
rodou três vezes, Três  
vezes rodou imundo e  
grosso.

«Quem vem poder o  
que só eu posso, Que  
moro onde nunca  
ninguém me visse E  
escorro os medos do  
mar sem fundo?» E o  
homem do leme tremeu,  
e disse: «El-Rei D. João  
Segundo!»

Três vezes do leme  
as mãos ergueu, Três  
vezes ao leme as  
reprendeou,  
E disse no fim de tremer  
três vezes: «Aqui ao leme  
sou mais do que eu: Sou  
um povo que quer o mar

que é teu; E mais que o  
mostrengo, que me a alma  
teme E roda nas trevas do  
fim do mundo, Manda a  
vontade, que me ata ao  
leme, De El-Rei D. João  
Segundo!»

## V. EPITÁFIO DE BARTOLOMEU DIAS

Jaz aqui, na pequena  
praia extrema, O  
Capitão do Fim.  
Dobrado o Assombro, O  
mar é o mesmo: já  
ninguém o tema!  
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

## VI. OS COLOMBOS

Outros haverão de ter  
O que houvermos de perder.  
Outros poderão achar  
O que, no nosso encontrar,  
Foi achado, ou não achado,  
Segundo o destino dado.

Mas o que a eles não toca  
É a Magia que evoca  
O Longe e faz dele história.  
E por isso a sua glória

É justa auréola dada  
Por uma luz emprestada.

## VII. OCIDENTE

Com duas mãos — o  
Ato e o Destino —  
Desvendamos. No  
mesmo gesto, ao céu  
Uma ergue o fecho  
trêmulo e divino E a  
outra afasta o véu.

Fosse a hora que  
haver ou a que havia A  
mão que ao Ocidente o  
véu rasgou, Foi a alma  
a Ciência e corpo a  
Ousadia Da mão que  
desvendou.

Fosse Acaso, ou  
Vontade, ou Temporal  
A mão que ergueu o  
facho que luziu, Foi  
Deus a alma e o corpo  
Portugal Da mão que o  
conduziu.

## VIII. FERNÃO DE MAGALHÃES

No vale clareia uma fogueira.  
Uma dança sacode a  
terra inteira. E  
sombras desformes e  
descompostas Em  
clarões negros do vale  
vão  
Subitamente pelas encostas,  
Indo perder-se na escuridão.

De quem é a dança  
que a noite aterra?  
São os Titãs, os filhos  
da Terra, Que dançam  
na morte do marinheiro  
Que quis cingir o  
materno vulto  
— Cingiu-o, dos  
homens, o primeiro —,  
Na praia ao longe por  
fim sepulto.  
Dançam, nem sabem  
que a alma ousada Do  
morto ainda comanda a  
armada,  
Pulso sem corpo ao leme a guiar  
As naus no resto do fim do espaço:  
Que até ausente soube cercar  
A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas eles não  
O sabem, e dançam na solidão;  
E sombras disformes e descompostas,  
Indo perder-se nos horizontes,  
Galgam do vale pelas encostas  
Dos mudos montes.

## IX. ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

Os Deuses da tormenta e os  
gigantes da terra Suspendem  
de repente o ódio da sua guerra  
E pasmam. Pelo vale onde se  
ascende aos céus Surge um  
silêncio, e vai, da névoa  
ondeando os véus, Primeiro um  
movimento e depois um  
assombro. Ladeiam-no, ao  
durar, os medos, ombro a  
ombro, E ao longe o rastro ruge  
em nuvens e clarões.

Em baixo, onde a terra é, o  
pastor gela, e a flauta  
Cai-lhe, e em êxtase vê, à  
luz de mil trovões, O céu  
abrir o abismo à alma do  
Argonauta.

## X. MAR PORTUGUÊS

Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!

Por te cruzarmos,  
quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão  
rezaram!

Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.

## XI. A ÚLTIMA NAU

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,  
E erguendo, como um  
nome, alto o pendão Do  
Império,  
Foi-se a última nau, ao sol azíago  
Erma, e entre choros de ânsia e de presago  
Mistério.

Não voltou mais. A que  
ilha indescoberta  
Aportou? Voltará da  
sorte incerta

Que teve?  
Deus guarda o corpo e  
a forma do futuro, Mas  
Sua luz projecta-o,  
sonho escuro  
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,  
Mais a minha alma atlântica se exalta  
E entorna,  
E em mim, num mar que não  
tem tempo ou 'spaço, Vejo  
entre a cerração teu vulto  
baço  
Que torna.

Não sei a hora, mas sei  
que há a hora, Demore-a  
Deus, chame-lhe a alma  
embora Mistério.  
Surges ao sol em mim,  
e a névoa finda: A  
mesma, e trazes o  
pendão ainda  
Do Império.

## XII. PRECE

Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,



O mar universal e a saudade.

Mas a chama, que a  
vida em nós criou, Se  
ainda há vida ainda  
não é finda.

O frio morto em cinzas a ocultou:  
A mão do vento pode erguê-la ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou  
desgraça ou ânsia — Com  
que a chama do esforço se  
remoça, E outra vez  
conquistaremos a Distância  
— Do mar ou outra, mas que  
seja nossa!

## **TERCEIRA PARTE: O**

**ENCOBERTO** *Pax in*

*excelsis.*

### **I. OS SÍMBOLOS**

#### **PRIMEIRO / D. SEBASTIÃO**

'Sperai! Cai no areal e  
na hora adversa Que  
Deus concede aos  
seus  
Para o intervalo em que

esteja a alma imersa Em  
sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a  
morte e a desventura Se  
com Deus me guardei?  
É O que eu me sonhei  
que eterno dura É  
Esse que regressarei.

## SEGUNDO / O QUINTO IMPÉRIO

Triste de quem vive em casa,  
Contente com o seu lar,  
Sem que um sonho,  
no erguer de asa  
Faça até mais rubra a  
brasa  
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!  
Vive porque a vida dura.  
Nada na alma lhe diz  
Mais que a lição da raiz  
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem  
No tempo que em eras vem.  
Ser descontente é ser homem.  
Que as forças cegas se domem  
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro  
Tempos do ser que sonhou,  
A terra será teatro  
Do dia claro, que no atro  
Da erma noite começou.

Grécia, Roma, Cristandade,  
Europa — os quatro se vão  
Para onde vai toda idade.  
Quem vem viver a verdade  
Que morreu D. Sebastião?

### TERCEIRO / O DESEJADO

Onde quer que, entre  
sombras e dizeres,  
Jazas, remoto, sente-te  
sonhado, E ergue-te do  
fundo de não-seres  
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com pátria,  
erguer de novo, Mas já  
no auge da suprema  
prova, A alma penitente  
do teu povo  
À Eucaristia Nova.

Mestre da Paz, ergue  
teu gládio ungido,  
Excalibur do Fim, em  
jeito tal

Que sua Luz ao  
mundo dividido  
Revele o Santo  
Graal!

#### QUARTO / AS ILHAS AFORTUNADAS

Que voz vem no  
som das ondas  
Que não é a voz  
do mar?  
E a voz de alguém  
que nos fala, Mas  
que, se  
escutarmos, cala,  
Por ter havido escutar.

E só se, meio dormindo,  
Sem saber de ouvir ouvimos  
Que ela nos diz a esperança  
A que, como uma criança  
Dormente, a dormir sorrimos.

São ilhas afortunadas  
São terras sem ter lugar,  
Onde o Rei mora esperando.  
Mas, se vamos despertando  
Cala a voz. e há só o mar.

#### QUINTO / O ENCOBERTO

Que símbolo fecundo  
Vem na aurora ansiosa?  
Na Cruz Morta do Mundo  
A Vida, que é a Rosa.

Que símbolo divino  
Traz o dia já visto?  
Na Cruz, que é o Destino,  
A Rosa que é o Cristo.

Que símbolo final  
Mostra o sol já desperto?  
Na Cruz morta e fatal  
A Rosa do Encoberto.

## II. OS AVISOS

### PRIMEIRO / O BANDARRA

Sonhava, anônimo  
e disperso, O  
Império por Deus  
mesmo visto,  
Confuso como o  
Universo  
E plebeu como Jesus Cristo.

Não foi nem santo  
nem herói, Mas  
Deus sagrou com  
Seu sinal Este,

cujo coração foi  
Não português, mas Portugal.

## SEGUNDO / ANTÓNIO VIEIRA

O céu 'strela o azul e  
tem grandeza. Este,  
que teve a fama e à  
glória tem, Imperador  
da língua portuguesa,  
Foi-nos um céu  
também.

No imenso espaço  
seu de meditar,  
Constelado de  
forma e de visão,  
Surge, prenúncio  
claro do luar, El-Rei  
D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é  
luz do etéreo. É um  
dia, e, no céu amplo  
de desejo, A  
madrugada irreal do  
Quinto Império Doira  
as margens do Tejo.

## TERCEIRO

'Screvo meu livro à  
beiramágoa. Meu  
coração não tem que  
ter. Tenho meus  
olhos quentes de  
água. Só tu, Senhor,  
me dás viver.

Só te sentir e te pensar  
Meus dias vácuos  
enche e doura. Mas  
quando quiserás  
voltar? Quando é o  
Rei? Quando é a  
Hora?

Quando virás a ser o Cristo  
De a quem morreu  
o falso Deus, E a  
despertar do mal  
que existo A Nova  
Terra e os Novos  
Céus?

Quando virás, ó Encoberto,  
Sonho das eras português,  
Tornar-me mais que o  
sopro incerto De um  
grande anseio que  
Deus fez?

Ah, quando quiserás voltando,  
Fazer minha esperança amor?  
Da névoa e da  
saudade quando?  
Quando, meu Sonho  
e meu Senhor?

### III. OS TEMPOS

#### PRIMEIRO / NOITE

A nau de um deles  
tinha-se perdido No  
mar indefinido.  
O segundo pediu licença ao Rei  
De, na fé e na lei  
Da descoberta, ir em procura  
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.

Tempo foi. Nem  
primeiro nem segundo  
Volveu do fim profundo  
Do mar ignoto à pátria  
por quem dera O  
enigma que fizera.  
Então o terceiro a El-Rei rogou  
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

Como a um cativo, o  
ouvem a passar Os



servos do solar.  
E, quando o vêem,  
vêem a figura Da  
febre e da  
amargura,  
Com fixos olhos rasos de ânsia  
Fitando a proibida azul distância.

Senhor, os dois irmãos  
do nosso Nome — O  
Poder e o Renome —

Ambos se foram  
pelo mar da idade À  
tua eternidade;  
E com eles de nós se foi  
O que faz a alma  
poder ser de herói.  
Queremos ir  
buscá-los, desta vil  
Nossa prisão servil:  
É a busca de quem  
somos, na distância De  
nós; e, em febre de  
ânsia,  
A Deus as mãos alçamos.  
Mas Deus não dá

licença que partamos.

## SEGUNDO /

### TORMENTA

Que jaz no abismo sob o  
mar que se ergue? Nós,  
Portugal, o poder ser.  
Que inquietação do  
fundo nos soergue? O  
desejar poder querer.

Isto, e o mistério de que a  
noite é o fausto... Mas  
súbito, onde o vento ruge,  
O relâmpago, farol de  
Deus, um hausto Brilha  
e o mar 'scuro 'struge.

### TERCEIRO / CALMA

Que costa é que as  
ondas contam E se  
não pode encontrar  
Por mais naus que haja no mar?  
O que é que as ondas encontram  
E nunca se vê surgindo?

Este som de o mar praiar  
Onde é que está existindo?

Iha próxima e remota,  
Que nos ouvidos persiste,  
Para a vista não existe.  
Que nau, que armada, que frota  
Pode encontrar o caminho  
A praia onde o mar insiste,  
Se à vista o mar é sozinho?

Haverá rasgões no espaço  
Que dêem para outro lado,  
E que, um deles encontrado,  
Aqui, onde há só sargaço,  
Surja uma ilha velada,  
O país afortunado  
Que guarda o Rei desterrado  
Em sua vida encantada?

#### QUARTO / ANTEMANHÃ

O mostrengo que  
está no fim do mar  
Veio das trevas a  
procurar  
A madrugada do novo dia  
Do novo dia sem acabar  
E disse: Quem é que  
dorme a lembrar Que  
desvendou o Segundo

Mundo Nem o Terceiro  
quere desvendar?

E o som na treva de ele rodar  
Faz mau o sono, triste o sonhar,  
Rodou e foi-se o  
mostrengo servo  
Que seu senhor  
veio aqui buscar.  
Que veio aqui seu  
senhor chamar —  
Chamar Aquele que  
está dormindo E foi  
outrora Senhor do  
Mar.

## QUINTO / NEVOEIRO

Nem rei nem lei, nem  
paz nem guerra,  
Define com perfil e ser  
Este fulgor baço da terra  
Que é Portugal a  
entristecer —  
Brilho sem luz e  
sem arder,  
Como o que o fogo-fátuo encerra.

Ninguém sabe que  
coisa quer. Ninguém  
conhece que alma

tem, Nem o que é  
mal nem o que é  
bem. (Que ânsia  
distante perto  
chora?) Tudo é  
incerto e derradeiro.  
Tudo é disperso,  
nada é inteiro. Ó  
Portugal, hoje és  
nevoeiro...

É a Hora!

*Valete, Frates.*